

Quarenta anos de desprestígio do ensino médico profissional no Brasil

Jorge Michalany¹

Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina

Em 1966, a Escola Paulista de Medicina (EPM), considerada um dos melhores estabelecimentos de ensino no Brasil para a graduação de médicos profissionais, mudou seu tradicional currículo com a criação do curso de biomedicina.

1. A finalidade da biomedicina foi preparar cientistas para as disciplinas básicas (anatomia, histologia, fisiologia bioquímica e biofísica) e transformar tais disciplinas em institutos de investigação. Porém, como os organizadores da biomedicina não eram médicos profissionais, mas apenas portadores de um diploma de medicina, incluíram, erroneamente, no conceito dessa nova ideia, matéria médica, como microbiologia, parasitologia, farmacologia e patologia.
2. O curso de biomedicina despertou enorme interesse nos professores das disciplinas básicas e em alguns das clínicas, chegando-se a proclamar que o ensino da graduação, o *sine qua non* para o exercício da profissão médica, não era mais a finalidade primordial da EPM, mas sim a pesquisa e a pós-graduação.
3. É preciso lembrar que pesquisa depende de capacidade de imaginação e esta da inteligência, uma condição inata e presente só numa minoria da população. Pode-se formar um bom professor ou médico profissional, mas é impossível transmitir inteligência a quem quer que seja, já que o verdadeiro pesquisador já nasce feito, pois não depende só da informação. Em caso contrário, os assim chamados cientistas, tal como se arvoram os biomédicos, não passariam de pseudocientistas produzindo trabalhos na maioria estéreis e sem aplicação para a medicina. A meu ver, a pesquisa deveria ser optativa e não compulsória em uma faculdade de medicina. Era essa a ideia que se tinha na EPM antes de 1966 e servia para valorizar o *curriculum* nos concursos de doutoramento, docência livre e cátedra. Convém lembrar que os grandes cientistas brasileiros, como Oswaldo Cruz, Rocha Lima, Carlos Chagas e Vital Brazil, não fizeram suas descobertas em faculdades de medicina, mas em institutos de investigação.
4. As atribuições dos biomédicos no campo sanitário foram enormemente aumentadas em 1977 com a regulamentação oficial da profissão, que resultou em inovação da patologia,

uma tradicional matéria médica e, principalmente, da anatomia patológica disfarçada em citologia oncológica. Infelizmente, essa invasão foi incentivada por um grupo de cinco professores de patologia, interessados mais em suas pesquisas do que no ensino dos estudantes para a prática médica. O entusiasmo do quinteto pelos biomédicos chegou a ponto de forçarem o ingresso desses “cientistas” na Sociedade Brasileira de Patologia, uma entidade médica, felizmente negada.

5. Na época atual em que o ensino da graduação de certas faculdades foi relegado em favor da pesquisa e da pós-graduação, o docente que tem vocação para ensinar passou a ser um verdadeiro pária diante dos, às vezes, imberbes pesquisadores. Isto tem levado a um desprestígio do docente acadêmico porque gostar de ensinar não dá ibope. Realmente, enquanto o instrutor visa o preparo do aluno para exercer a prática da medicina a contento, o pesquisador, absorvido pelos seus trabalhos, pouco se importa com o porvir do futuro médico. Daí o fato de muitas aulas aos discentes de graduação serem transferidas a residentes que, em geral, não têm experiência no assunto nem a didática, e até a biomédicos! E como fica o coitado de mestre? Além de ser menosprezado na avaliação dos currículos para um concurso universitário – em geral, vale mais o número de trabalhos, sobretudo experimentais, do que uma longa atividade didática – não lhe ofertam vantagens como as dos pesquisadores, recebendo como prêmio por sua dedicação ao ensino apenas uma homenagem dos doutorandos.
6. Eu tenho sido uma Cassandra e uma *Vox clamantis in deserto* sobre tão importante problema para a sobrevivência da medicina hipocrática, porque não recebi qualquer apoio das sociedades médicas, nem mesmo da Sociedade Brasileira de Patologia da qual me demiti como protesto.
7. Mesmo na anatomia normal há queixas do ensino por biomédicos, tal como proclamou John E. Skandalakis, professor de cirurgia nos Estados Unidos: “Por todo este país os departamentos de anatomia têm sido invadidos e conquistados por grupos de cientistas básicos. O efeito para a anatomia foi catastrófico”.

¹ Curador do Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina e professor titular aposentado da Escola Paulista de Medicina.

8. Antes de ter sido professor e pesquisador em anatomia patológica, eu pratiquei e amei a medicina geral durante seis anos com meu pai, um médico prático geral, até o seu falecimento em 1946.

Eu receio que a transformação de algumas escolas de medicina em institutos de investigação está causando um declínio do médico hipocrático, isto é, daquele que cuida do doente. Se o atual estudante deseja ser um verdadeiro médico, deveria primeiro estudar enfermagem e depois medicina.

É por isso que tenho proclamado a quatro cantos: *Quo vadis Aesculapius?* (Para onde vais, Esculápio?). Em suma, não se pode trocar o hospital pelo biotério e o doente pelo ratinho!

EDITOR RESPONSÁVEL POR ESTA COLUNA

Olavo Pires de Camargo. Professor titular, Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Museu da Associação Paulista de Medicina (APM)

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278 – 5ª andar

Bela Vista – São Paulo (SP)

CEP 01318-901

Tel. (11) 3188-4303

E-mail: museu@apm.org.br

Fontes de fomento: nenhuma declarada

Conflito de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 9/10/2009

Data da última modificação: 9/10/2009

Data de aceitação: 24/11/2009